

# AS MENTIRAS QUE CONTO

Você já **CRUZOU O**  
**MEU CAMINHO** antes.  
Farei com que você  
**NUNCA ME ESQUEÇA.**

**JULIE CLARK**

Tradução de **Camila Moreira**



**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2024



# KAT

Presente — Junho

[ Ela está de pé, do outro lado do cômodo, conversando e rindo com um pequeno grupo de doadores. Um quarteto de jazz está tocando no canto, e notas animadas e deslizantes dançam ao nosso redor, um tom baixo de classe e dinheiro. *Meg Williams*. Eu beberico o vinho, saboreando a experiência vintage, sentindo o peso da taça de cristal, e a observo. Há poucas fotografias dela por aí — um antigo retrato desbotado de um velho anuário escolar e outro encontrado no quadro de funcionários da Associação Cristã de Moços, de 2009 —, ainda assim, eu a reconheci imediatamente. Meu primeiro pensamento: *ela está de volta*. Seguido de perto pelo segundo: *finalmente*.

Assim que a vi, escondi minhas credenciais de jornalista na bolsa e me mantive nos arredores do salão. Compareci a todos os eventos da campanha de Ron Ashton nos últimos três meses, observando e esperando Meg aparecer. Fui avisada por um alerta do Google que criei há dez anos. Depois de uma década de silêncio, o alerta ressurgiu em abril, após a criação de um novo site: *Meg Williams, Corretora de Imóveis*. Eu sempre soube que ela retornaria. O fato de tê-lo feito com seu nome verdadeiro me dizia que Meg não pretendia se esconder.

Ainda assim, quando ela entrou, sorrindo ao entregar seu casaco na porta, meu senso de equilíbrio mudou, me jogando em um momento que eu nunca soube ao certo se chegaria. É possível se preparar para determinada situação, imaginá-la de diversas maneiras diferentes, e ainda assim se ver sem fôlego quando tudo realmente acontece.

Falei com Meg uma única vez, há dez anos, mas ela não reconheceria que fui eu quem atendeu o telefone naquele dia. Foi uma chamada de trinta segundos que mudou a trajetória da minha vida, e dizer que eu considerava Meg parcialmente responsável por isso era um eufemismo.

Scott, meu noivo, com certeza argumentaria que o custo — tanto financeiro quanto emocional — seria alto demais. Que não podemos nos dar ao luxo de eu me afastar de trabalhos remunerados para buscar uma história que talvez nunca aconteça. Que me aprofundar naquela época, naqueles eventos e naquelas pessoas poderia destruir todo o esforço que fiz em busca da superação. O que ele não entende é que esta é a história que finalmente me libertará — não apenas dos textos insignificantes pelos quais recebo migalhas para escrever, mas também dos grandes demônios que Meg deixou para mim há muito tempo.

Eu me aproximo de um grupo maior de pessoas e assinto durante a conversa, mantendo os olhos nela o tempo todo. Observando-a se misturar e circular por aí. Assistindo a Meg observá-lo. Passei incontáveis horas destrinchando os últimos anos dela em Los Angeles, e não importava para onde eu olhasse, Ron Ashton estava no centro de tudo. Apesar de não conhecer o coração dela — não ainda, pelo menos —, eu sei que ela não é o tipo de mulher que deixaria passar uma oportunidade de equilibrar o jogo.

Meg joga a cabeça para trás e gargalha de algo que alguém disse. Quando Ron se aproxima dela por trás, eu fico maravilhada de poder estar presente neste momento. De ser a única pessoa neste salão que sabe o que está prestes a acontecer.

Bem, não a única. Ela sabe.

Eu me viro um pouco para fingir olhar, através de uma grande janela, a vista deslumbrante do centro da cidade até o oceano, e os observo se cumprimentarem. Um gracejo divertido, algumas risadas. Ele se inclina para poder ouvi-la melhor, e eu me pergunto como Meg consegue fazer isso. Como consegue enganar as pessoas, fazendo-as acreditar que ela é quem diz ser, a ponto de confessarem seus mais profundos desejos, a ponto de se abrirem às suas manipulações e aos seus truques, oferecendo-se de bom grado às trapaças dela.

Observo enquanto um cartão de visita é entregue e guardado antes de afastar o olhar, minha mente focada no ponto de entrada dela. Que agora se tornará o meu.



# MEG

Presente — Junho

Vinte e duas semanas antes das eleições

Começa como sempre começou.

Comigo deslizando silenciosamente ao seu lado — sem movimentos bruscos, sem barulho. Como se eu sempre tivesse estado ali. Como se sempre tivesse pertencido àquele lugar.

Desta vez é uma arrecadação de 10 mil dólares a entrada. Após quase dez anos, me sinto como se estivesse em casa no meio da extravagante pompa dos ricos — obras de arte originais nas paredes, peças antigas que custam mais do que a maioria arrecada no ano inteiro e funcionários contratados que finjo não notar, movendo-se silenciosamente por lares como este, construído no topo de uma montanha com toda a Los Angeles brilhando abaixo de nós.

Se você é um dos meus alvos, saiba que o escolhi com cuidado. É provável que você esteja no meio de uma grande mudança em sua vida — um emprego perdido, um divórcio, a morte de um familiar próximo. Ou em uma disputa acirrada numa eleição que você está prestes a perder. Pessoas emotivas se arriscam, não pensam com clareza e ficam ansiosas para acreditar em qualquer fantasia que eu lhes apresente.

As redes sociais se tornaram minha principal ferramenta de pesquisa, com check-ins, localizações e a autopromoção desinibida. E todos aqueles testes que alguns dos seus amigos fazem e compartilham? Cachorro ou gato? Quantos irmãos e irmãs? A maioria

das perguntas parece inofensiva, mas da próxima vez que vir uma delas, preste mais atenção. Nomeie cinco lugares onde já morou ou Quatro apelidos que você tem — ambas permitem que eu me aproxime de você. *John? Sou eu, Meg! De Boise, lembra? Eu conheci a sua irmã.*

É tão fácil que chega a ser criminoso.

Passo horas observando e pesquisando. Criando perfis das diferentes pessoas na sua vida, em busca daquela de quem poderei ser amiga, daquela que me levará até você. Quando termino, sei tudo o que é possível saber sobre você e as pessoas ao seu redor. Quando você diz “*prazer em conhecê-la*”, já te conheço há meses.

Isso preocupa você? Pois deveria.



— JÁ PROVOU OS bolinhos de siri?

Veronica aparece ao meu lado, com um guardanapo de coquetel em sua mão. Nós nos tornamos próximas nos últimos seis meses, desde que voltei a Los Angeles, e nos conhecemos numa aula de ioga em Santa Monica, nossos tapetes posicionados um ao lado do outro no fundo da sala. O que começou com um cumprimento amigável de uma desconhecida no início da aula se transformou numa amizade promissora. É incrível como os stories do Instagram te ajudam a estar no lugar certo, na hora certa, ao lado da pessoa certa.

— Ainda não — digo para ela. — Ouvi dizer que vão servir filé mignon no jantar, então estou reservando espaço para isso.

Há um calor em meu peito, uma chama lenta de excitação que sempre sinto quando começo um trabalho novo. Esta é a parte de que mais gosto, eu acho, a de jogar a isca. A de saborear a deliciosa antecipação do que está por vir. Não importa quantas vezes já o tenha feito, nunca me canso do suspense que este momento traz.

Veronica amassa o guardanapo.

— Você está perdendo, Meg.

Ainda é um choque ouvir as pessoas usarem meu verdadeiro nome. Já usei tantos ao longo dos anos, a maioria variações do meu — Margareth, Melody, Maggie. Um passado no qual já fui estudante universitária, fotógrafa independente e, mais recentemente, decoradora de interiores e coach de vida pessoal para celebridades, meras mentiras elaboradas. Papéis que interpretei de maneira

quase perfeita. Contudo, esta noite, estou aqui como eu mesma, alguém que não era há muito tempo.

Não tive escolha. Minha porta de entrada para este trabalho requeria que eu tirasse uma verdadeira licença de corretora de imóveis, e não havia como burlar o número da identidade e as digitais. Mas tudo bem, porque desta vez quero que meu nome seja conhecido. Quero que Ron Ashton — empreendedor, político local e candidato a senador — saiba que fui eu quem tomou tudo dele. Não apenas seu dinheiro, como também a reputação que ele passou anos construindo.

Eu o vejo do outro lado do cômodo — os ombros largos a alguns centímetros acima dos demais, o cabelo grisalho penteado perfeitamente —, conversando com o marido de Veronica, seu gerente de campanha.

Veronica segue meu olhar.

— David disse que as eleições estão próximas. Que Ron não pode dar um único passo em falso nessa reta final — comenta ela.

— Como ele é? — pergunto. — Cá entre nós.

Veronica pensa por um momento.

— O típico político. Um mulherengo enrustido. Acha que é a reencarnação do Reagan. David diz que Ron é obcecado pelo presidente. “Ele não para de falar da droga do Reagan.”

Ela solta uma risada curta e balança a cabeça.

— Mas o que você acha?

Veronica me olha com uma expressão divertida.

— Acho que ele é como qualquer outro político por aí: patologicamente ambicioso. Mas ele paga bem o David, e os benefícios adicionais são ótimos. — Então ela cutuca meu ombro. — Estou feliz que tenha vindo. Acho que haverá algumas pessoas que seria bom você conhecer. Talvez alguns novos clientes.

Tomo outro gole de vinho. Meu único motivo para estar aqui esta noite é agarrar um cliente em particular.

— Seria bom para os negócios. É difícil recomeçar.

— Você vai conseguir. Tem anos de experiência em Michigan para comprovar. Quero dizer, o modo como lidou com a compra da nossa propriedade na rua 80. Eu ainda não sei como fez para os vendedores abaixarem o preço daquele jeito.

Reprimo um sorriso. Pouco depois de nos conhecermos, durante o sushi após a ioga, Veronica mencionou que eles queriam

investir em uma propriedade, mas a corretora que contrataram não encontrava nada na faixa de preço.

— Ela mostrou aquela propriedade em Kelton para vocês? — perguntei à época, sabendo exatamente o que eles esperavam encontrar. — A casa tradicional de um andar que está anunciada por 1,7 milhões de dólares?

Os olhos de Veronica se arregalaram.

— Não, e essa teria sido perfeita. Vou conversar com ela sobre isso.

— Vendeu muito rápido no dia em que foi anunciada, já não adianta. Sua corretora trabalha na Apex Realty, em Brentwood, certo? Sempre recebemos e-mails anunciando as ofertas dela... 10 milhões, 20 milhões. — Peguei um pedaço de sushi e o segurei entre os hashis. — Posso garantir que gerenciar listas de propriedades nessa faixa de preço é bem complicado.

Minha história era que eu havia acabado de me mudar de volta para Los Angeles, após uma carreira de sucesso vendendo propriedades em Ann Arbor. Meu novo site se conectava direto com outro em Michigan, e apresentava uma lista de propriedades surrupiada do Zillow e do Redfin.

Veronica abaixou os hashis.

— Ela foi ótima quando compramos a casa em Malibu, mas talvez o preço esteja abaixo da capacidade dela. — Tomei um gole da água saborizada de limão e deixei Veronica pensar sobre isso. Por fim, ela disse: — Adoraria lhe dar o negócio. Talvez você possa colocar suas anteninhas de fora e ver o que encontra.

Achei algo para eles quase na mesma hora. Uma residência tradicional de um andar em Westchester, numa rua arborizada. Pisos de madeira, uma janela saliente e uma cozinha totalmente remodelada. Quando mostrei a Veronica o anúncio inicial, descrevendo as características da casa e o preço, ela recusou.

— Isso é quase 500 mil dólares acima do nosso orçamento.

Em outra vida, eu fiz aulas de design digital em busca de uma formação. Ainda tenho o certificado de conclusão guardado em uma caixa, em algum lugar do depósito. Obviamente é uma falsificação, mas aprendi o suficiente para me virar no início, e ainda mais nos anos seguintes.

— Acho que podemos baixar o preço de forma significativa. Vamos dar uma olhada e ver o que achamos. A chave é um cadeado com segredo, então podemos ir agora se quisermos.

A listagem que havia entregado a ela era bastante precisa — quartos, metragem quadrada, aquecimento, ventilação e ar-condicionado. Eu apenas inflacionei o preço. A partir daí, comecei a “negociação para baixar o valor”, para um pouco mais de 200 mil dólares acima do preço real.

Isso só funcionou porque aplicativos como Zillow e Redfin não existem para pessoas como Veronica e David. Na faixa de imposto deles, ninguém faz nada que possa ser terceirizado. Contadores e tesoureiros pagam suas contas. Empregadas domésticas e governantas abastecem a casa e cozinham suas refeições. E uma corretora imobiliária de confiança faz as pesquisas, coordena com os representantes de vendas para separar as propriedades, agenda visitas particulares e gerencia a transação para eles.

David e Veronica assinaram os papéis quando eu pedi, transferiram os fundos para onde indiquei e, se alguma vez perceberam que nunca conheceram representantes ou vendedores, isso não passou de um pensamento passageiro.

No fim, David declarou ter sido a transação mais fácil que ele já fizera. Por que não seria, quando todo mundo conseguiu exatamente o que queria? Os vendedores conseguiram 200 mil dólares acima do preço pedido. Veronica e David pensam que conseguiram o melhor negócio do mundo, graças ao que inventei. E eu consegui uma reputação brilhante e irrefutável dentro de seu círculo de amigos.

O principal elemento de um bom golpe é um forte fio de legitimidade. De quase ser quem você diz ser. Como em um set de filmagem, eu sou real. Minhas ações são reais. Apenas os antecedentes são falsos.

Agora, David se junta a nós, envolvendo a cintura de Veronica com seu braço.

— Meg, você está deslumbrante — comenta ele. — Espero que minha esposa não a esteja entediando com os detalhes da reforma.

Forço um sorriso.

— De modo algum — digo. — Na verdade, estávamos falando sobre Ron. Ouvi dizer que as eleições estão apertadas.

David assente.

— Nossas pesquisas internas mostram que eles estão quase empatados. A angariação desta noite vai ajudar muito no empurrão final.



— Você deve estar exausto. Veronica me disse que você nunca está em casa.

David pisca para a esposa.

— Parece que você duas estão aprontando bastante na minha ausência. Obrigado por mantê-la ocupada.

— É um prazer.

Quando a conversa dos dois se volta para suas férias anuais de inverno no Caribe, eu me desligo e observo a multidão se misturar e se conhecer, pequenos grupos se formarem e se transformarem em novas configurações enquanto o quarteto no canto entra em outro ritmo. Los Angeles é tão diferente da Pensilvânia, onde estava morando, que foi preciso fazer um ajuste arriscado, suavizando minha abordagem, me certificando de que todas as minhas particularidades combinassem com quem afirmo ser. Aqui as pessoas são naturalmente cautelosas, procurando um plano, um problema, um truque. Já é esperado que ninguém que você conheça seja bem quem diz ser.

Eu me esforço muito para entrar no círculo de amizade das pessoas de modo que ninguém note que não tenho um próprio. Há anos não tenho amigos de verdade, desde antes de deixar Los Angeles. Tento não pensar em Cal, ou me perguntar onde ele está, ou se ainda está com Robert. Tenho poucos arrependimentos na vida, mas a maneira como as coisas terminaram com Cal é um deles.

Um fio de ansiedade me percorre quando penso no meu espaço de tempo mais uma vez. Ao contrário dos meus trabalhos anteriores, este tem um prazo de validade — quatorze dias antes da eleição. O que me deixa com vinte semanas. Cento e quarenta dias. Pode parecer muito, mas haverá pouquíssimo espaço para erros ou atrasos. Existem objetivos específicos que precisarei atingir ao longo do caminho para garantir que tudo dê certo. O primeiro é ser apresentada a Ron, e isso precisa acontecer esta noite.

Como parte da minha pesquisa de antecedentes, mergulhei no portfólio imobiliário de Ron, pesquisando registros públicos para ter uma ideia de quanto ele tem de capital próprio e de influência. Graças à sua candidatura, também pude examinar seus impostos. Um detalhe que se destacou foi a quantidade de riscos financeiros que ele assumira e quantos acabaram favorecendo-o. Penso em como ele enganou minha mãe, como roubou o que nos era de

direito, e me pergunto quantas outras pessoas Ron usou e descartou ao longo de sua caminhada para senador estadual.

— Meg, uma ajudinha. Saint John ou Saint Croix?

Os olhos de Veronica estão suplicantes.

Eu sei que ela prefere Saint Croix.

— A última vez que estive em Saint John foi há cerca de três anos. — Balanço a cabeça como se estivesse triste com a lembrança. — Por mais que eu ame aquela ilha, fiquei muito desapontada. Vocês se hospedam no Villas, certo?

David assente.

— Eles sempre cuidaram muito bem de nós.

Torço o nariz de desgosto.

— Acho que eles se sindicalizaram. Definitivamente não foi a experiência que eu esperava.

— Meu Deus — diz ele. — Então será Saint Croix.

Veronica celebra com um pequeno aplauso e diz:

— Não sei por que você nunca me escuta.

Uma voz atrás de nós interrompe nossa conversa.

— Espero que os três estejam discutindo minha festa da vitória.

Eu me viro e fico cara a cara com Ron Ashton, o homem que destruiu minha vida, lançando minha mãe numa espiral decadente da qual ela nunca se recuperou, me deixando para morar sozinha em um carro do último ano do meu ensino médio em diante.

Sorriso.

— O homem do momento — digo, estendendo a mão. — Meg Williams.

Uma pequena parte de mim vibra ao saber que estou oferecendo a ele a mais pura verdade. Passei anos fantasiando sobre este momento, imaginando se ele reconheceria a mim ou ao meu sobrenome. Se veria a sombra das feições da minha mãe no meu rosto. Imaginando se eu teria que me virar e transformar nosso encontro em uma reunião feliz, uma coincidência ingênua com insinuações sexuais. O suficiente para passar por cima do obstáculo de nossa conexão anterior e convencê-lo de que eu não sabia de nada na época, e que sei ainda menos agora. Mas a expressão dele é um quadro em branco, e estou aliviada por permanecer anônima.

Seu aperto de mão é quente e firme, e o mantenho por uma fração de segundo a mais do que o normal, até ver um lampejo de interesse em seus olhos. Ele se lembrará deste momento. Voltará a esta lembrança e se perguntará se poderia ter tomado uma decisão

diferente. Meu trabalho é garantir que a resposta para essa pergunta seja não.

— Meg acabou de se mudar de Michigan para Los Angeles — explica Veronica. — Foi ela quem nos conseguiu aquele negócio espetacular na propriedade de Westchester.

O interesse de Ron aumenta, como eu sabia que aconteceria. De acordo com as redes sociais de Ron, ele trabalha com o mesmo corretor de imóveis há quase quinze anos. Um homem que teve duas queixas por assédio sexual no Conselho de Corretores de Imóveis da Califórnia. Foi muito fácil criar a terceira e última queixa, deixando Ron Ashton sem representante há quase quatro meses. Para um empreendedor, isso é um problema.

— Imóveis — diz ele. — Como é o seu histórico de vendas?

— Em Michigan, fiquei entre os melhores dos últimos dez anos. Mas aqui em Los Angeles? Está devagar.

É sempre bom dar um tom de humildade. As pessoas gostam de saber que são melhores do que você.

— Você tem um cartão? — pergunta Ron. — Talvez eu entre em contato.

Tiro um da minha bolsa e entrego a ele.

— Dê uma olhada no meu site. Mesmo tendo acabado de chegar à cidade, não sou uma novata no negócio, e conheço bem Los Angeles. Adoraria conversar mais com o senhor se estiver interessado. — Então me viro para Veronica e digo: — Em Saint Croix, você precisa comer no The Riverhead.

Conforme Veronica começa a descrever o itinerário deles, sinto um formigamento na parte de trás do meu pescoço que aprendi a nunca ignorar. Dou um pequeno passo para trás e olho para a minha esquerda, como se tentasse me certificar de que não daria um passo em falso. Ao erguer o olhar, esquadrinho o outro lado do salão, procurando por alguém que pudesse estar me observando, mas tudo o que vejo é uma sala cheia de pessoas conversando e rindo, bebendo e celebrando um homem que esperam enviar para Sacramento.

Sorrio e aquiesço para Veronica, mas não a escuto mais. Estou repassando minha chegada, as pessoas com quem falei — o manobrista, a equipe de campanha na entrada principal, os vários colaboradores. Uma conversa fiada inofensiva e necessária para uma corretora de imóveis nova na cidade tentando construir sua base de clientes. Todos foram lembrados, e todos estão ocupados.

Talvez seja apenas a familiaridade de estar de volta a Los Angeles. O ar aqui é singular, uma mistura de grama e escapamento de carro, e às vezes, se você estiver perto o suficiente, um cheiro de sal na brisa do oceano. Estou longe de onde cresci, mas, sob todas as minhas camadas — todas as identidades que tive, os anos que se passaram —, eu ainda sou a mesma pessoa que era quando fui embora. Uma mulher em fuga, extasiada com o poder de saber que poderia me tornar qualquer pessoa. Ser capaz de qualquer coisa. Tudo o que eu precisava fazer era dizer a um homem o que ele queria ouvir.

AMOSTRA

# DEZ ANOS ATRÁS

Venice, Califórnia

AMOSTRA



# MEG

Nasci para ser uma vigarista, embora só tenha percebido esse talento após atuar como uma por um tempo. Achava que o que eu fazia era *improvisar* — um encontro, uma refeição grátis, uma marmita com os restos da minha comida e, às vezes, da dele também. Tentei não pensar no que minha mãe diria — quase quatro anos desde que ela falecera — se soubesse no que me meti. Avaliando quais homens seriam do tipo que usa amaciante nos lençóis, ou que mantêm produtos de higiene pessoal — xampu, sabonete, pasta de dente — debaixo da pia do banheiro, onde eu poderia pegá-los. Porém, em outubro de 2009, foi preciso aceitar que viver assim não estava mais dando certo.

A chuva batia nas janelas do cibercafé onde eu estava, segurando uma xícara de chocolate quente — mais chocolate do que café — e percorrendo meu perfil no site de relacionamentos Círculo do Amor. Olhei para a rua onde a minivan da minha mãe estava estacionada e tentei calcular quanto tempo restava no parquímetro. Meus pés doíam após um dia inteiro em pé atrás do balcão da academia Y, onde eu recepcionava pessoas para seu treino diário, entregava-lhes uma toalha e fingia não estar morrendo por dentro.

Era um trabalho que eu não podia me dar ao luxo de perder. Era onde tomava banho todo dia, guardava minhas roupas e podia jogar um pouco de roupa suja junto das toalhas que deveria lavar. Pagava a gasolina, o que mantinha funcionando o carro onde eu dormia. Toda semana, eu recebia apenas o suficiente para cobrir minhas despesas pessoais, mais o pagamento dos juros do funeral

da minha mãe — alguns milhares de dólares de uma dívida que ela nunca pretendia que eu tivesse. Não havia margem para erros. Não podia arcar com uma multa de estacionamento, ou uma cárie, ou mesmo uma afta. Estava a uma infecção urinária de distância de um abrigo para moradores de rua.

Mas a noite passada havia me assustado. Eu tinha estacionado em uma rua tranquila e arborizada em Mar Vista, uma das muitas entre as quais alternava durante o mês. Era uma das minhas favoritas — havia pouco tráfego de pedestres e poucas luzes.

Tinha me aconchegado em meu ninho de cobertores, escondida atrás do vidro fumê, o teto solar entreaberto para evitar que as janelas embaçassem. Alguém na vizinhança estava ouvindo *Fields of Gold*, do Sting, que minha mãe amava. A música flutuou até mim enquanto eu adormecia, meus músculos relaxaram e minha mente abraçou a escuridão.

Fui acordada de repente pelo som de alguém tentando abrir a trava da porta do passageiro. Através da janela, pude ver uma figura enorme e sombria usando roupas escuras, um capuz sobre a cabeça, e apenas um fino pedaço de vidro nos separando. Agi por instinto, saltando do banco de trás, agarrando minhas chaves e me apoiando na buzina enquanto as enfiava na ignição. Me afastei do meio-fio, quase batendo em outro carro estacionado em meu surto para fugir.

Demorei uma hora, dirigindo sem rumo, até que minhas mãos parassem de tremer, até que meu coração parasse de martelar. Estremeci ao pensar no que poderia ter acontecido se ele tivesse entrado. Fiquei imaginando cenários, cada um mais horrível que o outro. A mão da figura sobre a minha boca. Ser conduzida para um local ermo. Ser jogada em uma vala.

Meus olhos estavam secos pela falta de sono enquanto relia meu perfil do site de namoro, onde apenas o meu nome e idade eram verdadeiros. Meg Williams, 21 anos. Profissão: Marketing. Gostos: música ao vivo, jantar fora, viajar. Amo rir e estou sempre pronta para uma aventura! Faixa etária: 18 – 35. À procura de diversão, não de casamento. A última parte era a frase que me mantinha alimentada. Eu conseguia pelo menos três encontros por semana e me esforçava para ganhar um jantar e não apenas um café. Quando se vive em um carro, a última coisa de que você precisa é mais líquido. Aceitava todo convite e me tornei uma especialista em flertes online, dando a ilusão de que coisas boas poderiam acontecer após um